

Análise da formação profissional docente através da história de vida: um relato de caso

Priscila Claudia de Jesus Antunes Baumann
ORCID 0009-0009-0841-6856

Helen Regiane Martinez
ORCID 0000-0002-3399-5492

Francisco de Sousa Roberto Junior
ORCID 0000-0002-6832-2642

Rodrigo Avella Ramirez
ORCID 0000-0001-8468-2851

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de formação de uma professora de educação profissional a partir de sua história de vida. Os estudos aqui referidos são feitos com base em uma experiência vívida de formação profissional docente, norteados por uma concepção de indivíduo que se constrói social e culturalmente, na relação com o outro, sem perder sua subjetividade, tão valiosa na análise de sua história de vida. O presente artigo está fundamentado nos estudos desenvolvidos por diversos pesquisadores que se dedicaram a estudar as histórias de vida e seus impactos na formação do docente, tais como *Marie-Christine Josso*, *Maria da Conceição Passeggi*, *Elizeu Clementino de Souza*, *Franco Ferrarotti*, *Antonio Novoa* e *Mathias Finger*, com a utilização da ferramenta de entrevista narrativa semiestruturada. A pesquisa de história de vida em formação docente traz inúmeras reflexões sobre o lugar de fala do professor acerca de sua formação acadêmica e prática. Ao utilizá-la, é possível potencializar a formação docente, identificando as estratégias do formador e facilitando as definições de saberes envolvidos no processo, pela voz do narrador docente. O indivíduo, ao reconstituir seu percurso de vida através da narrativa, exercita a reflexão e uma tomada de consciência que impacta os planos individuais e coletivos. Como um saber em construção, este artigo pretende participar do desenvolvimento da abordagem metodológica. O estudo conclui que as histórias de vida são uma importante ferramenta de autoconhecimento e de formação, e que podem ser utilizadas em um processo de desenvolvimento profissional docente em uma instituição de Educação Profissional.

Palavras-chave: educação profissional. histórias de vida. narrativas de formação

Abstract

This article aims to analyze the training process of a professional education teacher based on her life story. The studies referred to here are carried out based on a vivid experience of professional teacher training, guided by a conception of the individual who is socially and culturally constructed, in relation to the other, without losing his subjectivity, so valuable in the analysis of his life history. This article is based on studies carried out by several researchers who dedicated themselves to studying life stories and their impacts on teacher training, such as *Marie-Christine Josso*, *Maria da Conceição Passeggi*, *Elizeu Clementino de Souza*, *Franco Ferrarotti*, *Antonio Novoa* and *Mathias Finger*, using the semi-structured narrative interview tool. The research of life history in teacher training brings numerous reflections on the place of speech of the teacher about his academic and practical training. By using it, it is possible to enhance teacher training, identifying the trainer's

strategies and facilitating the definitions of knowledge involved in the process, through the voice of the teacher's narrator. The individual, by reconstructing his life path through the narrative, exercises reflection and an awareness that impacts individual and collective plans. As knowledge under construction, this article intends to participate in the development of the methodological approach. The study concludes that life stories are an important tool for self-knowledge and training, and that they can be used in a professional development process for teachers in a Professional Education institution.

Keywords: professional education. Life stories. training narratives

1 Introdução

Os estudos acerca da utilização da história de vida como metodologia de pesquisa e a entrevista narrativa como potencial formador para professores tornaram-se uma indagação de pesquisa, relatada neste artigo.

A utilização do método biográfico na formação de formadores tem sido objeto de pesquisa nos últimos anos. De acordo com Bueno, a partir da década de 80 muitas obras e estudos sobre a vida dos professores foram registrados, e utilizados na formação destes, o que demonstra muita adesão a este método.

Novoa e Finger (2010) destacam o papel deste método: “A formação de formadores têm sido um dos domínios privilegiados de aplicação do método biográfico”. (p.24) Ao utilizá-lo, é possível potencializar a formação docente, identificando as estratégias do formador e facilitando as definições de saberes envolvidos no processo, pela voz do narrador docente.

Na entrevista narrativa, método desenvolvido nos anos 70 pelo sociólogo alemão Fritz Schutze, são exploradas narrativas “improvisadas”, gerando uma análise posterior. Uma variante deste método seria a Entrevista Narrativa Autobiográfica, com a diferença que neste modelo o entrevistador solicita que a pessoa conte sua história de vida a partir de uma questão.

Para este artigo, dois personagens assumem papéis importantes na pesquisa das narrativas (auto) biográficas e nas histórias de vida – a entrevistadora e a narradora. As pesquisadoras objetivaram validar os saberes teóricos em sua prática, colocando-se como atores da cena formativa. Os estudos aqui referidos são feitos com base em uma experiência vívida de formação profissional docente, norteados por uma concepção de indivíduo que se constrói social e culturalmente, na relação com o outro, sem perder sua subjetividade, tão valiosa na análise de sua história de vida.

A escolha do método deve estar vinculada ao processo de produção de conhecimento, ou seja, ao que o pesquisador quer saber. Neste artigo, as pesquisadoras desejaram saber como a história de vida, narrada pela professora, influenciou em sua formação docente para o Educação Profissional, que possui por natureza um processo formativo menos formal do que o processo formativo da educação básica propedêutica. O professor da Educação Técnica nem sempre cursou uma Licenciatura, como é comum nas disciplinas da educação chamada aqui como convencional, e tem muito de sua formação construída na prática profissional.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se com o objetivo, seguido pelo referencial teórico e método utilizado, os resultados e discussão da entrevista narrativa, e, por fim, as considerações finais.

2 Objetivo

A pesquisa de história de vida em formação docente traz inúmeras reflexões sobre o lugar de fala do professor acerca de sua formação acadêmica e prática. O artigo, então, tem por objetivo analisar o processo de formação de uma professora de educação profissional a partir de sua história de vida, utilizando o método das narrativas e entrevista semiestruturada.

3 Referencial Teórico

Muitos são os termos que definem as modalidades tipificadas da expressão polissêmica da história oral, tais como: autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida, narrativas de formação. Em pesquisas na área de educação, adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras. Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização.

O presente artigo está fundamentado nos estudos desenvolvidos por diversos pesquisadores que se dedicaram a estudar as histórias de vida e seus impactos na formação do docente, tais como *Marie-Christine Josso*, *Maria da*

Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza, Franco Ferrarotti, Antonio Novoa e Mathias Finger.

Para Bueno (2002), a utilização deste método pode oferecer possibilidades para que as formas de educação de adultos sejam repensadas e renovadas, haja visto seu caráter formativo. O indivíduo, ao reconstituir seu percurso de vida através da narrativa, exercita a reflexão e uma tomada de consciência que impacta os planos individuais e coletivos.

A ideia de sujeito que atrela suas experiências de vida à sua formação profissional, sendo autor e sujeito de sua formação, nos interessa particularmente, pois ela dá ao a este sujeito o status de responsabilidade sobre suas práticas de aquisição de conhecimento, por meio de experiências formadoras desse adulto, autônomo, em processo de autoconhecimento contínuo, em busca de sentido para seu fazer, e que reflete seu existir na cultura e na sociedade com sua narrativa. A formação aqui se dá como consciência da história de vida e pode ser considerada atributo do sujeito. Para Josso (2010), a aprendizagem do adulto se dá em situação de formação continuada, advinda de diversas experiências refletidas. A narrativa de formação do pesquisador, mais suas escolhas e percurso intelectual ou técnico, e suas práticas de seus conhecimentos fazer emergir o sujeito no método biográfico.

(...) a produção de conhecimentos pelos participantes para si mesmos prevalece sobre a produção de um saber científico. E que as condições de produção desses conhecimentos e desse saber enfatizam o trabalho individual articulado a um trabalho de grupo. (JOSSO, 2010, p.133)

Não é uma simples questão subjetiva, ou que se perde na história de vida, pois há uma intencionalidade que subordina toda a reflexão: o processo de formação do sujeito enquanto docente. É uma reflexão com intencionalidade, que pode ou não ser percebida pelo sujeito narrador, mas que deve ser pontuada pelo entrevistador ou interlocutor(es). Para Ramirez (2014), as histórias de vida permitem com que o indivíduo possa fazer um balanço retrospectivo e, que a partir das reflexões oriundas deste, possa considerar quais experiências podem ser potencialmente úteis em seus próximos passos.

Segundo Josso (2010), a formação pode ser pensada como uma socialização, já que pela educação, transmite-se o conhecimento acumulado pela humanidade às novas gerações. A formação, então, seria uma maneira de perpetuar e garantir a evolução da cultura através da educação. A formação também permite ao sujeito adulto, já primariamente socializado, promover mudanças que vão além de sua adaptação ao mundo, mas que concretizam necessidades psicológicas mais refinadas, ligadas a realizar-se no mundo ou elaborar sentidos. Nesse aspecto, a formação vai além da aquisição de conhecimento, mas está ligada a um projeto, produção de vida e elaboração de sentidos para o que se vive na experiência. Para Ramirez (2014), “Nas narrativas é possível evidenciar os tipos de aprendizagem e as estratégias usadas para aprender”. (p.18)

A importância da pessoa do professor nos estudos sobre formação docente vem chamando a atenção de pesquisadores interessados em ouvir o que o professor tem a dizer sobre sua carreira, percurso profissional e sobre como se dá sua formação especificamente na educação profissional. De acordo com Bueno (2002), essa ênfase na pessoa do professor iniciou na década de 1980, trazendo à luz a questão da subjetividade, que até então era desconsiderada.

(...)o interesse pelo estudo dos aspectos subjetivos envolvidos na vida dos atores sociais não se apresenta como preocupação específica da área da educação pois, tal como se tentou indicar nos parágrafos anteriores, esse interesse é a expressão de um movimento mais geral, que diz respeito às mudanças paradigmáticas e às rupturas que se operam no âmbito das ciências sociais no decorrer do século XX. (BUENO, 2002, p. 14)

4 Método

Tendo como quadro teórico-metodológico de referência as histórias de vida em formação, utiliza-se como técnica para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada. As perguntas foram elaboradas com base nas leituras de Marie-Christine Josso (2010), acerca da história de vida e formação docente.

A entrevista foi realizada no dia 17 de julho de 2023, às 10h, por meio de uma chamada de vídeo gravada, utilizando o aplicativo Teams da Microsoft, e

transcrita pela entrevistadora posteriormente. A entrevistada é Professora de Educação Profissional do Curso Técnico de Nível Médio em Administração, responsável pela disciplina Gestão de Pessoas, atuando há cinco anos em um Colégio Particular paulistano que oferece a EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o Ensino Técnico de Nível Médio Profissionalizante no período noturno como filantropia. Possui formação acadêmica em Arquitetura e em Psicologia, cursou especialização em Teoria Psicanalítica e atuou por mais de vinte anos na área de Recursos Humanos em empresas privadas. Atualmente cursa o Mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. A entrevistadora é Pedagoga, cursou MBA em Gestão Estratégica de Negócios e Pós-graduação em Docência no Ensino Superior, e cursa o mesmo programa de Mestrado. Ambas estão pesquisando a metodologia narrativa e histórias de vida, sob supervisão do mesmo orientador de Mestrado, e ocupam, neste artigo, o papel de pesquisadoras e sujeito de pesquisa.

5 Resultados e Discussão

Esta análise de entrevista fundamenta-se nos estudos desenvolvidos por Marie-Christine Josso, acerca dos processos de formação, processos de conhecimento e processos de aprendizagem. Para Josso (2007), a abordagem biográfica, ao ser desenvolvida em situações educativas, enfoca a questão da identidade, possibilitando a reflexão acerca de diferentes registros de expressão e de representações de si, abraçando os aspectos globais da pessoa e suas dinâmicas ao longo da vida.

A docente entrevistada evidencia questões importantes de reflexão ligadas ao seu percurso formativo e à sua visão acerca da identidade do professor.

“Então, a docência é uma coisa né, a figura do professor, é uma coisa que me acompanha desde a infância... Tenho muitas recordações de uma figura de sabedoria, de uma identidade profissional que me atraía bastante. Durante o meu percurso no RH, como eu trabalhava com a área de desenvolvimento e treinamento de pessoas e eu ficava muito em sala de aula, eu comecei minha carreira de RH como Instrutora de Treinamento, então eu era uma professora da educação informal, corporativa. Então, nossa, como eu desenvolvi essa questão de flexibilidade, de jogo de cintura e de lidar com pessoas efetivamente, quando você toca no assunto, meus

treinamentos sempre foram comportamentais, liderança, enfim, essas coisas...”.

O perfil traçado pela entrevistada, acerca da identidade do professor, é evidenciado por meio da descrição das características como oralidade, flexibilidade, liderança. Em sua narrativa, observa-se que ela consegue enxergar estas características em seu trabalho no ambiente corporativo, e compreende que esta experiência contribuiu para a construção da profissional de educação que ela é hoje. Passeggi (2011) considera a consciência histórica fundamental para compreender e construir uma imagem de si como um sujeito situado no tempo e na história.

“E fiquei por quase 20 anos trabalhando dentro da área de RH. Mais especificamente na área de desenvolvimento de pessoas. (...) Eu parei de trabalhar na empresa durante 2 anos, tive uma experiência de educação informal numa ONG. Senti muito o baque financeiro e voltei para a empresa. Então nesses 20 anos (de RH em empresas), eu dei uma respirada fora, vi como era e voltei. Mas é, é claro que eu acho que isso estava no meu destino profissional. Só estava desencaixado de hora e lugar. E aí passou mais alguns anos e eu estruturei melhor essa ideia, eu saí da empresa, eu fiz um intercâmbio, fiquei fora um tempo e quando voltei pude, devido há tantos anos trabalhando, com um pé-de-meia, consegui ficar um ano sem trabalhar, estudando o que fazer. Voltei para a educação informal. Em ONG, voltei a ensinar adolescentes sobre o mercado de trabalho. E vi que aquilo era a minha pegada”.

O percurso não linear na área educacional contribuiu para que a entrevistada compreendesse suas preferências profissionais e lapidasse sua identidade como docente. A identificação com o público com o qual ela atuou em ONG foi determinante para a participação em um processo seletivo para lecionar em um curso profissionalizante. Para Josso (2007), ao abordar o conhecimento de si mesmo, o indivíduo consegue conceber a construção de sua identidade, que é a ponta do iceberg da existencialidade.

Para Bueno (2002) a subjetividade é um caminho não linear para compreender a relação social e visão do sistema social, haja visto que a narrativa acontece de uma pessoa para outra.

“(...) me inscrevi para uma vaga de Professora de Gestão de Pessoas. De RH dentro do curso de Administração. Educação Profissional noturno e passei no processo. O processo é interessante, porque tinha todo o percurso de um professor: planejamento, apresentar uma aula, dar uma aula etc. E aí eu virei professora de verdade. Isso faz 5 anos. Professora de educação formal de educação profissional para adultos. E aí eu me encontrei, falei, puxa, isso nessa fase da minha vida e com todo esse meu percurso que me trouxe até aqui, é isso que eu quero fazer.”

Josso (2007) em seus estudos, observou que a dialética entre elaboração e análise realizadas individualmente ou em grupos, permitem com que a formação da existencialidade de cada um seja construída; cada um desenvolve suas potencialidades e possibilidades de protagonismo ao confrontar os interesses individuais e pressões coletivas, determinando assim sua ação sobre o meio ambiente e encontrando propósito para si. A compreensão da realidade dos alunos, retratada pela entrevistada, e seu desejo de realizar um trabalho com significado para eles, incentiva-a a buscar informações, a estudar, a desenvolver-se.

“Curiosa, eu leio muita coisa, muita, sempre li, e, sempre fiz uma autoformação, sempre me guiei muito pelos meus alunos, eles me conduzem, né? Eles dizem o caminho que eu tenho que seguir, e aí eu vou buscar ferramentas. Um exemplo disso: Sei lá, vou dar aula e são realidades tão diferentes da teoria. Meus alunos vêm de uma situação de vulnerabilidade social e econômica. Lidar com uma realidade que não foi a minha, como profissional de RH, onde eu trabalhava em empresas que tinham que contratavam outro público, mas que é a minha realidade agora. E que talvez seja a nossa no Brasil agora, com tanta precarização. Então, meus alunos me guiam muito na minha formação. É.... minhas leituras”.

Para Passeggi (2016), os avanços na formação de professores serão suficientes somente após a compreensão de que o professor é um adulto em formação, que tem experiências, que consegue refletir sobre si e que, através de sua fala, pode contribuir muito mais do que a atual produção científica sobre a escola.

Também existe uma projeção de construção de carreira com base em uma lacuna que a entrevistada pontua como sendo a ausência da formação mais pedagógica, quando ela cita a licenciatura. Neste momento de sua carreira, ela sente falta da base pedagógica ou das possibilidades de ampliação de atuação que esta formação o pode trazer. Ao longo de todo seu percurso narrativo, a entrevistada entrelaça sua formação identitária com a formação profissional, para ela, ambas parecem alinhavos da mesma história de um sujeito em formação holística. E mostra isso na narrativa ao refletir sobre os condicionantes da carreira.

“Os fatores (que permitiram a migração da carreira corporativa para a docência), acho que a idade, ir para a educação de alguma forma, é uma coisa que me sondava, eu vivia pesquisando coisas, pós-graduações, estava sempre esbarrando nisso, mas eu achava que eu ainda tinha tempo. Mas a idade foi chegando e isso foi um fator decisivo. Olha, tem que ser agora, não dá mais para adiar. É, a possibilidade financeira de eu perder um certo conforto, já era possível eu me deslocar. Eu já tinha realizado aquele primeiro sonho de comprar o meu apartamento. Isso era muito importante para mim. Então eu tenho onde morar, isso é fundamental, a partir daqui eu posso arriscar um pouco mais. Então, isso também influenciou e eu acho que o fim de um ciclo mesmo, né? O ciclo empresa, ele chegou ao fim, e eu entendi. Entendi que na empresa aprendi muita coisa técnica da área de recursos humanos eu precisava saber pra poder dar aula. Eu entendi isso finalmente. Então, essa vivência que se deu aí nesses 20 anos se encerrou de uma forma consciente”.

Durante a narrativa é possível perceber momentos em que as reflexões viram verdadeiros insights sobre sua condição. Acima, quando fala sobre os ciclos, e na sequência quando reflete sobre como foi narrar sua história para a entrevistadora.

Para Nóvoa (1988) os conceitos de reflexividade crítica e formação devem ser considerados para compreender que eles são parte de um trabalho de análise e reflexão sobre toda a trajetória de vida.

“Sim, sim, agora falando sobre elas, faz muito mais sentido até. Me vem reflexões que eu acho que eu vou seguir com elas depois dessa conversa, sobre como eu me coloco diante dessas situações, né? O que é meu, é um

jeito meu de ser, de estar, mas que me trouxe até aqui, sem dúvida, e que fez o meu caminho desse jeito. Esse percurso, que não é linear, nunca foi. Mas é um percurso guiado por curiosidade, por muita prática, por experiência, e reflexão sobre experiência. Acho que falar sobre isso, me traz esse assunto de uma forma profunda, assim, de, nem consigo te dizer o quanto agora vou ter que refletir alguns dias sobre isso, né? É mexer numa coisa que não estava organizada dessa forma, né? Agora, ela ficou um pouco mais estruturada de uma forma que eu possa pensar nela de um jeito diferente”.

Para Bueno (2002) a abordagem biográfica possibilita que a própria pessoa atue em sua formação ao se apropriar de seu percurso de vida.

É possível notar que a partir do momento em que a entrevistada assume o lugar de professora, da forma como ela considera ser, começa a ver uma projeção de carreira para o futuro, que está totalmente entrelaçada pela força de sua experiência docente com alunos adultos vulneráveis sócio e economicamente. Parece haver uma identificação direta de cunho ideológico, que surge também no decorrer da narrativa:

“Isso eu não aprendi em nenhuma empresa, então, que isso é um grande meu diferencial, talvez para estar hoje, onde eu estou, na escola que eu estou, que é uma escola bastante humanista, crítica, etc., que é essa questão do trabalho, da precarização, do futuro do trabalho, isso sempre são coisas que eu vivenciei no paralelo da minha vida, né, na experiência do dia a dia, e na observação da experiência, na reflexão sobre ela o tempo todo. É, uma crítica bastante aguçada sobre mercado de trabalho e as experiências que eu tive com adolescentes em sala de aula mesmo, onde eles me chamavam de professora, apesar de eu estar no local de Instrutora na educação informal, mas onde eu pude ocupar um pouco isso, esbarrar nisso e entender a relação aluno professor. Como é fundante. Antes de assumir de fato a identidade, entender como essa relação se dá, quais são as possibilidades, os limites dela. E eu acho que o tudo isso foi uma grande prática, uma grande experiência que veio muito antes de eu conhecer autores que falavam sobre ela”.

“(...)eu trabalhava em empresas que tinham outra realidade, contratavam outro público, mas que é a minha agora, né? E que talvez seja a nossa no Brasil agora, com tanta precarização. Então, meus alunos me guiam muito na minha formação”.

“Em ONG, voltei a ensinar adolescente. Sobre o mercado de trabalho. E vi que aquilo era a minha pegada”.

Para Josso (2007), o ato de contar histórias não é sinônimo de repeti-las, mas de retomá-las parcialmente, sob a perspectiva do tempo presente e considerando o contexto sociocultural e sócio-histórico.

Aqui temos o posicionamento ideológico da entrevistada, que encontra fundamento em sua subjetividade. Assumido em sua narrativa, a professora parece ser humanista, e está inserida na educação profissional de população vulnerável economicamente, preparando alunos para um mercado de trabalho que coisifica o ser humano. Isso parece ser uma questão para ela. Como nos diz Ferrarotti (2010): “Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica de sua subjetividade”. (p.42)

“O mestrado, é buscar uma confirmação disso, né, teórica. E agora, conversando com você me surgiu, né, a questão que eu busco algum tempo, que é a minha busca pela licenciatura, que é um caso à parte. Eu sinto que eu preciso ter uma licenciatura, eu não tenho. Mas eu também não sei exatamente onde eu quero me licenciar. Talvez na sociologia, nas ciências sociais. É uma coisa que é para o ano que vem, já para depois do mestrado. Mas é uma coisa que eu acho que vai, de fato, fincar minhas raízes como professora, eu ter essa licenciatura”.

Neste trecho a entrevistada reflete sobre sua formação como Professora de Educação Profissional, tendo já clara a ideia de que ela começou na empresa, na educação informal, mas já fazendo parte de sua identidade docente. Aponta também uma necessidade de formalização desta formação, até para continuidade de sua carreira. Essa questão da educação formal e informal é muito pertinente ao contexto em que se encontra a docente: a Educação Profissional, mas a escolha pelas ciências sociais como formalidade que comprova sua identidade de

professora foi construída durante sua história: a inquietação na empresa, a escolha por um trabalho docente com alunos vulneráveis sócio e economicamente, em ONGs, os questionamentos sobre mercado de trabalho tendo em vista sua disciplina de Gestão de Pessoas. Tudo parece configurar um percurso, que corrobora os estudos de Souza (2011), nos quais se evidenciam que as relações de poder e territoriais se cruzam com as histórias de vida, as escolhas profissionais e as narrativas, e se articulam através de ações coletivas, experiências sociais e expressões de identidade e de subjetividade nos diferentes espaços.

É possível observar que, mesmo tendo o lugar de professora assegurado, a entrevistada busca a continuação de sua formação, e entrelaça a questão profissional com sua identidade e crenças pessoais. Professora passa a ser quem ela é, e este papel, para ela, está ligado a questões sociais, num entendimento bastante particular que se deu em sua história.

Josso (2007) destaca que a concepção de formação experiencial completa as categorias tradicionais das ciências do humano, porque oportuniza voz e lugar às vivências, às reflexões, às tomadas de consciência. Passeggi (2011) compreende o ato de narrar como a ressignificação das experiências que incide sobre a reinvenção de si.

Ainda sobre o entrelaçamento de sua história com sua formação, a entrevistada, já no final da entrevista, toma uma postura bastante autoral, conseguindo se inserir em um processo formativo específico e tomar distância para criticá-lo também. Uma posição mais amadurecida diante de sua carreira e lugar como docente.

“Eu tenho o privilégio de trabalhar numa escola que tem esse olhar, né, humanizado e preocupado com a filantropia, com o público que eu atendo. É, então sim, temos reuniões pedagógicas que realmente são efetivas, semanais, que discutem questões interessantes. Eu aprendi muito nessas reuniões, aprendi muito da parte teórica da minha, da minha profissão. Aprendi muito com colegas veteranos. Eu acho que elas são, em quantidade, em tempo muito pouco, né? Na verdade, nós discutimos casos emergentes e quando você vê, acabou o tempo da reunião, mas tem tanta coisa para falar ainda, então é, não tenho tempo para trocar com os meus pares, né? Para sentar só com eles e falar, olha, como é que foi tua aula essa semana?”

O que que você viveu, o que que você faz isso? Eu acho que seria muito gratificante, interessante, formador. Mas a minha ideia de suficiente é bastante utópica neste país, né?”

Josso (2007) atrela o conceito de identidade as dimensões do “eu”, sendo a dimensão profissional uma delas. A entrevistada, o tempo todo em sua narrativa, mostra um percurso que vai muito além do profissional em sua carreira, mas que busca uma identificação com a figura do professor da infância, o que detém a sabedoria, o exemplo e inspiração de sua busca. Neste aspecto, Josso (2007) destaca que o conceito de identidade traz consigo uma problemática que perpassa toda a vida, como uma tensão entre as pressões vividas em sociedade e a evolução dos sonhos e aspirações de cada pessoa, além de definir as múltiplas dimensões de cada um. Questões como a base da formação profissional específica do docente de educação profissional sob o aspecto técnico, e identitário. As questões que determinaram o percurso profissional, relativas a autoconhecimento e condicionantes sociais. A formação do professor de educação profissional na educação formal e informal e os impactos em sua identidade profissional. A possibilidade de compartilhamento de formação com grupo através da história de vida e sua potência formativa. Todos esses aspectos foram possíveis de serem observados na narrativa da entrevista realizada.

Para Passeggi (2016), considerar a narrativa refletida sobre a prática docente como objeto de investigação na pesquisa-formação, faz com que a experiência seja legitimada e reconhecida, além de gerar novas formas de pensar. Para Josso (2007), o trabalho biográfico sobre histórias narradas de formação é um dos caminhos para a transformação dos destinos socioculturais e sócio-históricos. Subjetividades são libertadoras do processo sócio-histórico social. Poder contar sua história e refletir sobre ela, libera o sujeito adulto para construir sua identidade de forma autônoma, consciente e amadurecida.

6 Considerações finais

As histórias de vida refletidas têm o poder de transformar, são formadoras a partir de um papel formador a partir do momento que vão fornecendo ao narrador reflexões sobre seu percurso, e ele vai tomando consciência dos trajetos escolhidos e projetando novos caminhos.

As histórias de vida permitem uma investigação, enquanto método, onde o sujeito assume responsabilidade sobre seu lugar de fala, sua identidade profissional e sua formação. Nelas, o saber docente é construído pelo próprio docente, em sua narrativa baseada em experiência vivida e refletida na fala. Isso, compartilhado com outros professores e outras histórias de vida, tem caráter fundamental para a prática da formação docente. São saberes diversificados, que principalmente no caso da educação profissional têm origem muito distintas e merece uma sistematização coerente com a história da construção desses saberes, narrada pelo docente.

Por meio da evocação dos momentos de vida escolhidos e narrados pela entrevistada, dá-se um desenrolar de reflexões sobre sua carreira docente, que envolve questões como inspirações pessoais, transição de lugares, educação informal e formal, a presença do aluno como fonte de formação, a continuidade dos estudos e da formação para o futuro. Todas essas reflexões culminam na possibilidade de expansão, de troca entre pares, com relação à experiência da prática como sendo fonte importante de formação para esta professora, não só como profissional, mas também fazendo parte de sua identidade. A história de outros passa a ser referência no seu percurso e vice-versa.

Toda experiência humana pode ser narrada. As histórias de vida contadas, além de configurarem uma comunicação entre pessoas parece ser uma necessidade humana em diferentes lugares e fases da vida. É através da narrativa que as pessoas se lembram dos acontecimentos e ressignificam o vivido.

Pensar a educação, é manter sua história viva capaz de produzir discussões que estejam conectadas intimamente com seus atores, com a força na qual ela se constrói na sua rotina diária. Se toda experiência humana pode ser narrada, porque não a ouvir de forma a tornar essa narrativa fundante da experiência, no seu aspecto formativo.

Este artigo buscou evidenciar o percurso do sujeito narrador, como este o levou a elaborar e refletir sobre sua prática e formação, e qual a importância de suas reflexões serem compartilhadas como formativas para outros docentes. Em todas as etapas realizadas, foi possível observar que a experiência de narrar a própria história, assim como a de ouvir a história e transcrevê-la impactaram as participantes, motivando reflexões e análises aprofundadas de suas vidas como professoras em formação, que vão além das questões profissionais e educacionais.

O artigo, então, demonstra seu objetivo inicial de analisar o processo de formação de uma professora de educação profissional a partir de sua história de vida. Na experiência de vida, relatada em forma de narrativa, a entrevistada mostra claramente que a caminhada para si, suas autodescobertas refletidas durante a entrevista, confluem na construção de sua identidade e formação profissional. Mostra também seu processo de formação atrelado ao conhecimento.

O impacto positivo das entrevistas e análises foram muito importantes para a professora entrevistada, fazendo muito sentido em relação a sua formação que está em andamento. Assim, este trabalho não pretende esgotar as questões relacionadas à história de vida como ferramenta de formação, mas pensamos que esta discussão pode ser potencializada se for levada ao colegiado da instituição e sistematizada como forma de contribuição e desenvolvimento profissional docente de seus pares.

Referências

BUENO, Belmira B. **O método autobiográfico e os estudos com as histórias de vida dos professores: a questão da subjetividade.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v28, n. 1, 2002.

BUENO, Belmira B. et al. **Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores.** *Psicol. USP* [online]. 1993, vol.4, n.1-2, pp. 299-318. ISSN 1678-5177.

DOMINICÉ, P. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A. et al. **O método (auto) biográfico e a formação.** Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 1988

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. et al. **O Método (Auto) biográfico e a Formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 2014, p. 29-56.

JOSSO, Marie Christine. **O Caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores.** Entrevistador: Margarete May Berkenbrock-Rosito

Revista @ambienteeducação, SP, v. 2, p.136-139, ago/dez.2009.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. et al. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 1988.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre, 2007.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Ed. Educa Formação Lisboa, 2002.

JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2010.

NÓVOA, A. et al. **O Método (Auto) biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 2014.

PASSEGI, M. C. **Experiência em formação**. Educação, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, M. C. **Narrativas da Experiência na Pesquisa-formação: do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico**. Roteiro, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67–86, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9267. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 19 jul. 2023.

PASSEGGI, M. C. et al. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação**. Revista Lusófona de Educação 2016.

PINEAU. G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A. et al. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 2014.

PLEZ SILVA, A. et al. **Uma análise benjaminiana da entrevista narrativa com professores: retomando a experiência**. Linhas Críticas, 27, e36158. 2021.

RAMIREZ, Rodrigo Avella. **Histórias de vida na formação do professor**. São Paulo. Centro Paula Souza, 2014.

SCHÜTZE, F. (2010). Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, W. et al. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. (pp. 210-238). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação In: NASCIMENTO, A. D. et al. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.

Souza, E. C. (2011). **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida**. Educação, 34(2). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8707> Acesso em: 19 jul. 2023.